

EDITORIAL

FERNANDO CARDIM: O DIFUSOR DO PÓS-KEYNESIANISMO NO BRASIL

Andre de Melo Modenesi^a

^aProfessor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisador do CNPq e editor associado da REC. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5392-2920>.

Fernando José Cardim de Carvalho, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi o responsável pela difusão da teoria pós-Keynesiana no Brasil. Após se doutorar na Universidade de Rutgers (1986), em Nova Jersey, Estados Unidos, sob a orientação do professor Paul Davidson, Cardim integrou o corpo docente da Universidade Federal Fluminense (UFF) entre os anos de 1984 e 1993. Ali ele reuniu um grupo de pesquisadores e professores de primeira linha, com destaque para a professora Carmem Feijó.

Fernando Cardim ingressou no Instituto de Economia (IE) da UFRJ em 1994 como professor titular. No IE, criou e liderou o primeiro grupo de estudos pós-Keynesianos do país. O Grupo de Estudos sobre Moeda e Sistema Financeiro, ou simplesmente o Grupo Moeda, se transformou na principal fonte de difusão do pensamento pós-Keynesiano no Brasil. Em 1995, Cardim publicou seu livro clássico, *Mr. Keynes and the Post Keynesian* (Londres: Edward Elgar), que se tornou a referência para o estudo da teoria monetária de Keynes. Em cerca de duas décadas, a teoria pós-Keynesiana disseminou-se e ganhou importância no país.

O passo seguinte na difusão da teoria pós-Keynesiana foi dado no ano de 2008 com a criação da Associação Keynesiana Brasileira (AKB), idealizada por Cardim. Após a realização de 12 congressos anuais, a AKB se tornou uma das principais associações científicas do pensamento heterodoxo no Brasil.

A obra de Cardim é vasta e aborda principalmente os seguintes temas: sistema financeiro; regulação financeira; economia monetária e fiscal; teoria econômica; crescimento; e flutuações e planejamento econômico. Também merece destaque sua análise, sempre aguçada e precisa, das grandes questões nacionais, entre elas o problema da

alta inflação crônica, nos anos 1980; a estabilização dos preços após o Plano Real; as diferentes crises de balanço de pagamentos; as altas taxas de juros e os elevados *spreads* bancários; e a regulação do sistema financeiro nacional.

Sua produção foi veiculada em periódicos de excelência internacional, tais como *Journal of Post Keynesian Economics*, *Cambridge Journal of Economics*, *International Journal of Political Economy*, e também em periódicos nacionais, como a *Revista de Economia Política*, a *Revista Brasileira de Economia e Estudos Econômicos*.

Ele também publicou livros e capítulos de livros, em renomadas editoras, como Routledge, Edward Elgar e Elsevier. Conforme dados do *Google Acadêmico*, Cardim é o brasileiro mais citado na área de macroeconomia, e com mais de 2.400 citações seus artigos tiveram impacto expressivo no desenvolvimento da teoria macroeconômica.

Dois livros de Cardim se destacam. Um é o *Economia monetária e financeira: teoria e política*, em coautoria com F. E. Pires de Souza, J. Sicsú, L. F. de Paula e R. Studart, atualmente em sua terceira edição. Um enorme sucesso, esse manual rapidamente se tornou um clássico da literatura nacional, sendo adotado nos principais cursos de economia do país. Outro destaque é seu último livro, *Liquidity preference and monetary economies*, publicado em 2015 pela editora Routledge.

O presente número da *Revista de Economia Contemporânea* traz uma bela homenagem ao nosso mestre. São 11 artigos que abordam e desenvolvem temas tratados por Cardim, como apresentamos a seguir.

Gary Dismky assina *Mr. Carvalho and the Post-Keynesians: scholar, theorist, writer*. Ele destaca que o monumental legado intelectual de Cardim engloba muitos elementos: ensino, orientação, bolsa de estudos e ativismo político. Gary explora as contribuições de Cardim à teoria pós-Keynesiana a partir de suas 31 publicações em periódicos de referência em língua inglesa. Após aplicar algumas análises bibliométricas a esses artigos, o autor realiza uma revisão cronológica dos temas desenvolvidos por Cardim. Faz um esclarecimento e uma defesa da metodologia distintiva de Cardim, para, em seguida, realizar uma revisão cronológica dos artigos que contêm suas análises críticas da política de desenvolvimento. Essa comparação, lado a lado das preocupações teóricas e políticas de Cardim, mostra a estreita interconexão entre ambas. Gary conclui que, examinando o ofício de escrever na obra de Cardim, o impacto de sua contribuição decorreu não apenas do que ele disse, mas também da forma como ele o disse. Enfim, Gary nos oferece uma apreciação completa da abrangência e da profundidade da contribuição de Cardim.

Em seguida, temos o artigo de Julio López G., *Wage flexibility, exchange-rate competitiveness and full employment: the first heretics*. Nele, o autor – que faleceu pouco antes da publicação deste número – discute a rejeição de Keynes e de Kalecki à noção de que a flexibilidade do salário para baixo asseguraria o pleno emprego. López

também recorre à teoria da estagnação de Steindl e às ideias de Kalecki. Em seguida, ele considera a associação entre queda salarial e depreciação cambial e examina a contribuição latino-americana para os argumentos de que a desvalorização pode deprimir a demanda agregada. Posteriormente, ele reflete brevemente sobre as consequências da política econômica que os autores estudados aqui inferiram de suas análises. Por fim, López acrescenta uma observação sucinta sobre as descobertas empíricas do autor sobre essa questão.

João Sicsú, em *Uma teoria de depressões: comentários*, aborda um dos últimos artigos artigo de Cardim, intitulado *Is this “it”? An outline of a theory of depression*, publicado na Revista de Economia Política em 2016. Neste texto de comentário, o autor realiza um diálogo com as ideias do Cardim, apresentado ilustrações com fatos (históricos ou recentes) e conexões com as ideias de Keynes durante a Grande Depressão dos anos 1930.

Em *Cardim de Carvalho, sistemas financeiros e o financiamento da acumulação de capital*, Rogerio Studart e Antônio Alves Jr. tratam das contribuições de Cardim sobre o financiamento da acumulação. Eles ressaltam duas funções que deveriam ser cumpridas pelo arcabouço financeiro em economias monetárias (marcadas pela presença de incerteza): garantir o financiamento do investimento, com vistas ao pleno emprego, e minimizar a tendência à fragilidade. Porém, as evidências mostram que os sistemas financeiros desregulados, ancorados nas forças de mercado, não cumprem essas funções. E não o fazem particularmente devido a problemas informacionais e à incerteza – notadamente durante processos de transformação estrutural. Assim, eles postulam a necessidade de políticas de desenvolvimento institucional para a criação de instrumentos e de mercados financeiros mais adequados ao desenvolvimento econômico.

Luiz Fernando de Paula e Antonio Alves Jr. assinam *Comportamento dos bancos e ciclo de crédito no Brasil em 2003-2016: uma análise pós-Keynesiana da preferência pela liquidez*. Eles analisam o comportamento dos bancos no recente ciclo de crédito, marcado por um crescimento rápido e posterior desaceleração, com base na teoria da preferência pela liquidez desenvolvida por Keynes e por Cardim e na hipótese de fragilidade financeira de Minsky. Eles ressaltam que os bancos e o ciclo de crédito seguiram o previsto por essa teoria. Entretanto, a aplicação dessa abordagem aos bancos brasileiros impõe que se levem em conta especificidades institucionais e macroeconômicas, como inovações financeiras, *spreads* elevados, existência de um circuito de *overnight* e papel dos bancos públicos.

Em *A contribuição de Cardim de Carvalho à compreensão das tomadas de decisão nos mercados financeiros contemporâneos*, Maryse Farhi e Daniela Magalhães Prates ressaltam que a incerteza é inerente aos *loci* em que os investidores fazem a alocação da sua riqueza numa economia monetária. Nos mercados de ativos financeiros, para lidar com a incerteza, os agentes utilizam instrumentos que evoluíram ao longo do

tempo e englobam dois elementos: as premissas que serão consideradas, foco da *General Theory*, de Keynes; e a sequência entre as premissas e a própria decisão, tratada no *Treatise of Probability*, do mesmo autor. Primeiro, as autoras sintetizam a contribuição de Cardim para a compreensão da tomada de decisão sob incerteza. Em seguida analisam os instrumentos de tomada de decisão usados nos mercados de ativos financeiros contemporâneos à luz desta contribuição.

Ana Rosa Ribeiro de Mendonça e Simone Deos escrevem *Regulação bancária: uma análise de sua dinâmica por ocasião dos dez anos da crise financeira global*. Elas analisam a dinâmica da regulação financeira internacional – bancária, em especial. O ensejo para a reflexão são os dez anos da crise financeira global e o objetivo é analisar os impactos da crise sobre a regulação bancária. Partindo de uma análise conceitual dos bancos, sistemas bancários, riscos e regulação, as autoras apontam que a regulação precisa ser pensada em um contexto mais amplo, considerando-se os diferentes estágios do capitalismo. Observam um movimento pendular, oscilando entre momentos em que a regulação é mais pró-mercado e períodos durante os quais ela compreende um conjunto mais importante de barreiras e de interdições. Ademais, observam que, independentemente do “regime regulatório”, a dinâmica concorrencial tende a corroer endogenamente o aparato regulador, redefinindo-o na direção de uma maior fragilidade financeira.

Norberto Montani Martins, em *Risco sistêmico, fragilidade financeira e crise: uma análise pós-Keynesiana a partir da contribuição de Fernando Cardim de Carvalho*, discute o conceito de risco sistêmico e analisa sua relação teórica com as crises financeiras a partir da contribuição de Cardim. O autor analisa a interpretação de Cardim sobre o tema a partir do diálogo com a literatura convencional e dos trabalhos de Minsky. Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre o conceito de risco sistêmico, focada na obra de Cardim. Ele nota uma íntima conexão entre risco sistêmico, fragilidade financeira e crise sistêmica. Também ressalta o caráter endógeno do risco e uma visão vertical sobre as crises, segundo a qual a crise afeta o sistema econômico como um todo.

Gilberto Libanio, em *Cardim de Carvalho and the Post Keynesians on fiscal policy: the economic consequences of austerity*, analisa os efeitos de políticas de austeridade fiscal sobre a trajetória da economia no longo prazo. Toma como pontos de partida o papel da demanda agregada na determinação do produto e a importância da política fiscal como instrumento de estabilização do PIB. São usados os conceitos de *corredor de estabilidade* adaptado por Cardim e o modelo de equilíbrio móvel de Keynes, tal como apresentado por Kregel. Libanio argumenta que choques adversos sobre o produto, seguidos de políticas restritivas que prolongam a recessão, impactam a propensão a consumir, a preferência pela liquidez e a eficiência marginal do capital,

gerando uma nova trajetória de longo prazo para a economia. Não apenas a *profundidade* da crise, mas também sua *duração* condicionam a capacidade do sistema de absorver os choques e retornar à sua trajetória anterior de crescimento. Recessões longas levam a uma nova trajetória reconhecida como “normal”, em torno da qual um novo corredor de estabilidade se estabelece.

Fábio Henrique Bittes Terra assina *Racionalidade e método: duas contribuições de Fernando Cardim de Carvalho à teoria pós-Keynesiana*. O autor destaca as contribuições de Cardim na discussão sobre racionalidade sob incerteza e sobre método. Terra ressalta que Cardim relaciona esses dois conceitos ao debater o método de Keynes no seu *General Theory*. Ele nota que a compreensão da racionalidade humana coloca em contato o agente observador e o agente observado, fazendo com que o sujeito teórico apreenda o sujeito teorizado – o consumidor, o empresário, o especulador – não como um pressuposto, mas como um dado da realidade.

Gentil Corazza, em *Cardim, Keynes e Marx: um diálogo interrompido?*, trata do diálogo entre Keynes e Marx nos textos de Cardim. Embora o tema não seja novo, o diálogo tentado por Cardim apresentaria particularidades. Corazza aborda o tema propondo então a seguinte pergunta: o diálogo buscado por Cardim teria sido realmente interrompido durante de seu mestrado ou estaria presente de forma implícita ao longo de sua carreira acadêmica? Assim, Corazza trata dos encontros e desencontros de Cardim com a teoria monetária de Marx a partir de uma perspectiva pós-Keynesiana, buscando desnudar e analisar pontos de convergência e de divergência entre Marx e Keynes.

Alain Herscovici assina *Preferência pela liquidez, financeirização e efeitos de propagação*. O autor trata da crítica radical de Keynes à teoria dos fundos emprestáveis e revela a ruptura epistemológica entre a teoria Keynesiana e a neoclássica. Ele foca a natureza dessa ruptura, mais especificamente no que diz respeito aos diferentes componentes da preferência pela liquidez e aos mecanismos a partir dos quais a incerteza se propaga na economia. Usando os trabalhos de Kahn e de Cardim, ele mostra que a não neutralidade da moeda é preciso acrescentar a não neutralidade do sistema financeiro. Na medida em que a atuação dos agentes se explica a partir de uma teoria da escolha dos ativos, o autor ressalta que a finança especulativa constitui um ativo específico e que ela exerce seus efeitos de propagação no que diz respeito à determinação da taxa de juros e, conseqüentemente, ao setor “real”.

Enfim, foram reunidos 11 artigos de alta qualidade assinados por renomados autores, brasileiros e estrangeiros, que abordam os diferentes temas desenvolvidos por Fernando Cardim durante sua profícua vida acadêmica. Esta é uma pequena homenagem do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro ao nosso querido e saudoso Mestre. Boa leitura!